



1.15 • Conjuntura Internacional

A República Bolivariana da Venezuela sem Hugo Chávez

Nancy Gomes

EM 1998 NA VENEZUELA o tenente-coronel Hugo Rafael Chávez Frias sobe ao poder depois de ter liderado, seis anos antes, um golpe de estado frustrado (doze horas) contra o presidente constitucional em exercício, Carlos Andrés Pérez. Chávez herda um país endividado, onde perto da metade da população vive na pobreza, encalhado num sistema estruturado de alternância do poder à medida dos interesses dos dois principais partidos políticos: Ação Democrática (AD), e o Comitê de Organização Política Eleitoral Independente (COPEI), principais concertadores do Pacto de Punto Fijo (1958).

Nas relações externas a Venezuela até 1998 era um país virado principalmente para as orlas terrestre e marítima dos Andes e do Caribe, menos para o Sul Amazônico, um interveniente ativo na frente mundial político-ideológica dos Não Alinhados e no quadro mais restrito dos interesses partidários da Internacional Socialista, vinculado estreitamente com a vizinha Colômbia (uma relação determinada pelos mais de 2.200 km de fronteira terrestre), e com o gigante do Norte, os EUA, o seu principal parceiro comercial.

A República Bolivariana da Venezuela

Desde o início, de forma pouco original, mas reiterada e constante, Chávez faz referência no seu discurso à vida e obra de Simón Bolívar assumindo-se — como o prócer venezuelano — o promotor da (segunda) independência da pátria, em relação aos “centros de poder imperialistas”. Com Chávez, uma nova Constituição muda o nome do país para República Bolivariana da Venezuela e consagra como princípios e valores àqueles que inspiraram a vida e obra do Libertador das Américas.

No poder, Chávez assume também a missão “messiânica” de acabar com a pobreza e a desigualdade. A perspetiva essencialmente estruturalista (que visiona o mundo essencialmente dentro das coordenadas: Centro-Periferia / Luta contra o Imperialismo) parece orientar o discurso e a ação política do “líder carismático” junto dos mais desfavorecidos, iniciando um processo de inclusão social através de políticas “assistencialistas” para dentro (subsídios de todo o tipo) e também para fora (iniciativas como PETROCARIBE), que lhe garantiram o sucesso e as lealdades necessárias para se manter no poder. Os altos preços do petróleo permitiram-lhe naturalmente uma mais fácil articulação entre os postulados ideológicos e económicos do seu programa de governo (Romero, 2010).

No plano externo, a República Bolivariana passou a olhar para outros espaços coincidentes do ponto de vista ideológico, na perspetiva do mundo e das relações com ele, sem abandonar o pro-

jeto integracionista na região, nomeadamente para o Brasil de Lula da Silva e Dilma Rousseff, a Argentina dos Kirchner, Cuba dos Castro, o Equador de Rafael Correa, a Bolívia de Evo Morales e a Nicarágua de Ortega. Fora do continente, a Venezuela apostou em “alianças de oportunidade” com países como a Rússia, China, e o Irão, visando dar o seu contributo no sentido da alteração dos equilíbrios geopolíticos mundiais (Romero & Cardoso, 2002).

O Golpe de 2002

Em 2002, um golpe de estado igualmente frustrado (quarenta e oito horas) liderado por representantes dos sectores mais conservadores, militar e empresarial, conduziu à radicalização do discurso e a ação política do governo de Chávez. Neste sentido, a Constituição de 1999 é alterada garantindo a reeleição indefinida do presidente do governo. A aposta na construção do Socialismo do Século XXI como alternativa à economia de mercado, sobretudo a partir de 2007 (Plano de Desenvolvimento Económico e Social da Nação 2007-2013), conduzirá igualmente, de forma induzida, à polarização da sociedade venezuelana (contra e a favor de Chávez). Neste contexto, Cuba torna-se um parceiro estratégico e os EUA mantêm-se como um importante parceiro comercial (primeiro comprador de petróleo venezuelano). Com a União Europeia e outros países europeus mantêm-se um *modus vivendi* no qual têm prevalecido os negócios e interesses económicos acima das críticas em relação à situação interna do país, com a exceção da Espanha (Romero, 2010).



A escassez de reservas internacionais tem levado ao mesmo tempo à escassez de bens essenciais, incluindo alimentos e medicamentos.



A posição contestatória da Venezuela nos foros internacionais e de associação a grupos, movimentos e iniciativas opostas ao capitalismo internacional, leva o governo em 2004 à criação da ALBA, Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América, “en defensa de la soberanía, la autodeterminación, la identidad de los pueblos y como un referente de que «Un mundo mejor es posible» (...)”, em oposição à iniciativa norte-americana de criação da ALCA, Área de Livre Comércio das Américas; e ao abandono, em 2007, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Mais tarde, em Setembro de 2012, Chávez inicia oficialmente um processo que conduzirá, um ano mais tarde, à saída do país do Sistema Interamericano de Direitos Humanos, incluindo o Tribunal Interamericano dos Direitos do Homem.

A República Bolivariana da Venezuela

sem Chávez: principais desafios

A morte de Hugo Chávez em Março de 2013 deixou naturalmente um grande vazio de poder na Venezuela. O líder populista desaparece apontando antes o seu sucessor, o vice-presidente em exercício, Nicolás Maduro. Com cada vez mais baixos índices de popularidade e desprovido de meios suficientes para manter as políticas assistencialistas que lhe garantiram a continuidade no poder ao seu predecessor, o atual presidente da República Bolivariana enfrenta não poucos desafios, entre os quais a crise económica precipitada pela descida dos preços do petróleo. Ao nível macro observamos, por exemplo, uma contração de 5,7% no PIB, em 2015, de acordo com dados do Banco Central da Venezuela. No domínio da política monetária, o regime de câmbio fixo adotado pelo governo de Hugo Chávez, em 2003, ao mesmo tempo que beneficiou claramente alguns sectores com acesso facilitado às divisas, tem incentivado a emergência de um “mercado negro” paralelo onde o dólar americano pode ser vendido a cem vezes, ou mais, dos valores fixos preestabelecidos.

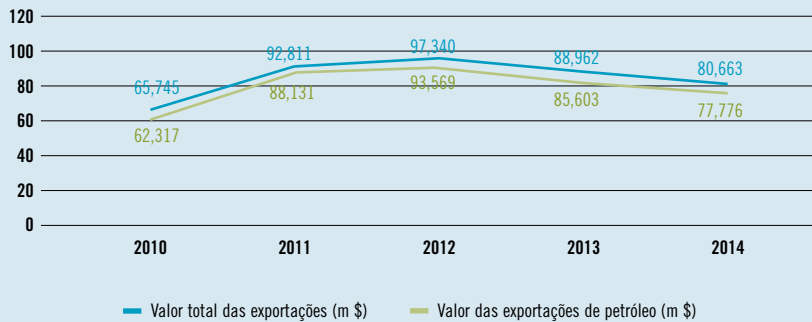
A escassez de reservas internacionais tem levado ao mesmo tempo à escassez de bens essenciais, incluindo alimentos e medicamentos, gerando uma situação de grave deterioração a nível humanitário. A pressão inflacionária que se sente consequentemente sobre a economia colocou a República Bolivariana no topo da tabela dos países com a maior inflação no mundo, com uma inflação acumulada em 2015 de 180,9%, segundo dados do Banco Central da Venezuela.

A alta dependência do potencial hidroelétrico e fraco investimento em infraestruturas para a utilização e bom aproveitamento das energias renováveis, contribuíram para a crise, no domínio energético, e as medidas de racionamento da energia adotadas pelo governo durante este ano não serão suficientes para ultrapassar o problema num cenário de seca prolongada.

Segundo dados do Observatorio Venezolano de Violencia, a criminalidade coloca a República Bolivariana entre os países mais violentos do mundo, com um total aproximado de 27.875 mortes violentas, só em 2015. À criminalidade junta-se a impunidade e outros problemas graves como a corrupção e os vínculos que se criam entre certos sectores legítimos de poder e o crime organizado, contribuindo com um clima geral onde é es-

PETRÓLEO, “O EXCREMENTO DO DIABO”¹

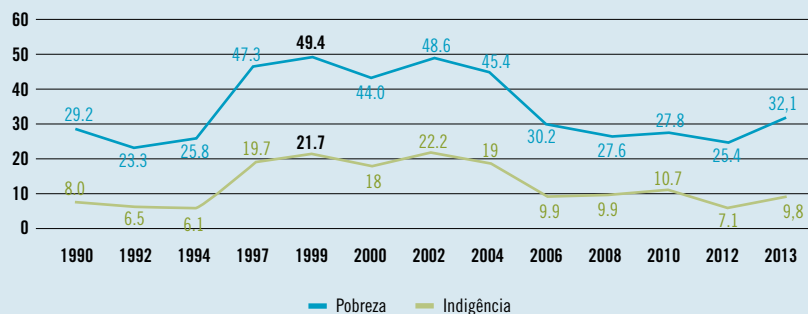
Desde a sua descoberta em território nacional (1917) o petróleo tornou-se o principal recurso gerador de riqueza em torno do qual se desenvolvem as atividades econômicas da Venezuela, e ao mesmo tempo, é o principal veículo para a inserção do país nas Relações Internacionais. Com Chávez consolida-se o modelo monoexportador e, por conseguinte, a economia venezuelana passa a estar altamente vulnerável às variações dos preços da commodity.



República Bolivariana da Venezuela: total das Exportações de Petróleo e total das Exportações do país (m \$)

¹ O venezuelano Juan Pablo Pérez Alfonzo, um dos fundadores da OPEP, foi um dos primeiros a alertar sobre os perigos de um modelo econômico dependente da produção e exportação de petróleo. Uma das suas principais obras, publicada em 1976, intitula-se “Hundiéndonos en el excremento del diablo”.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados disponibilizados na página da OPEP em http://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/ASB2015.pdf



República Bolivariana da Venezuela: Pobreza e Indigência (%)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados disponíveis na página da CEPAL em http://interwp.cepal.org/cepalstat/Perfil_Nacional_Social.html?pais=VEN&idioma=english

Taxas de Câmbio oficiais na Venezuela

Cadivi	6,30 Bs por 1 \$	Para importações prioritárias do Estado
Cencoex	13,50 Bs por 1 \$	Destinadas a atividades relacionadas com o turismo
Simadi	199,85 Bs por 1 \$	Para outras importações

cassa a confiança nas instituições do Estado e reina o desespero perante o futuro. Vejam-se os dados de 2015 do Latinobarómetro que regista a percepção de que a corrupção nas instituições do Estado aumentou nos últimos dois anos, em mais de metade dos inqueridos (50.9%). Como consequência muitos venezuelanos, especialmente os mais jovens, anseiam sair do país à procura de melhores condições de vida. Estima-se que entre 2000 e 2010 cerca de meio milhão emigrou para destinos como a Colômbia e o México, na região, e fora dela para os EUA, Canadá e Espanha, países que continuarão a ser procurados, numa tendência crescente.

Presente e futuro da República Bolivariana

No início de 2014 tiveram início uma série de manifestações na Venezuela contra as políticas adotadas pelo governo face os graves problemas do

país organizadas pela oposição (Mesa de la Unidad Democrática ou MUD) de que resultaram uma trintena de mortos, centenas de feridos e detidos, entre estes últimos, o líder opositor Leopoldo López, condenado a prisão por mais de treze anos.

O descontentamento *in crescendo* por parte da população traduziu-se em votos nas últimas eleições parlamentares, em Dezembro de 2015: a coligação da oposição obteve noventa e nove assentos (uma maioria de dois terços) contra quarenta e seis do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) do Presidente Nicolás Maduro, na Assembleia Nacional, órgão legislativo da República. É por iniciativa deste órgão de poder nacional que decorre atualmente o processo de ativação de um referendo revogatório (previsto no art.72 da Constituição de 1999) que poderá conduzir, no caso de vir a ser implementado, ao fim do mandato do sucessor de Chávez já no início do próximo ano.

Entretanto, na região, o *chavismo* perde força a favor de outras correntes contrárias às vagas solidárias do Socialismo do Século XXI: veja-se por exemplo a subida ao poder de Mauricio Macri, nas últimas eleições na Argentina, o favoritismo pelas fórmulas mais à direita no Perú também no

contexto das últimas eleições (a espera de uma segunda volta), o “não” da população à reeleição indefinida na Bolívia, o processo de *impeachment* sobre Dilma Rousseff, e os escândalos por corrupção que ensombram a figura carismática de Lula da Silva.

Nas Caraíbas, o início de um processo conducente à normalização das relações entre Cuba e os EUA (re)introduz uma nova variável na análise sobre o futuro da região do pós-guerra fria. Por outro lado, o protagonismo das organizações internacionais que ganharam vida ou foram reforçadas através do *bolivarianismo* de Chávez, como a ALBA e a UNASUL, parece diluir-se no processo de reorganização política e ideológica da região e, neste cenário, a Venezuela aparece cada vez mais isolada.

Face a todas estas circunstâncias adversas observa-se ainda a falta de uma estratégia alternativa clara por parte do governo de Nicolás Maduro, a não ser a de se manter aferradamente no poder. O presente da República Bolivariana da Venezuela sem Chávez está cheio de incógnitas e o futuro é incerto. ■

Referências

- Latino barómetro (2015) *Análisis de datos*. Disponível em <http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>
- Observatorio Venezolano de Violencia (2015). 2015 *Tasa de homicidios llegó a 90 por cada 100 mil habitantes*. Disponível em <http://observatoriodeviolenca.org.ve/2015-tasa-de-homicidios-llego-a-90-por-cada-100-mil-habitantes/>
- ROMERO, C. A. (2010). *La política exterior de la Venezuela Bolivariana*. Plataforma Democrática. Working Paper 4. Disponível em <http://www.plataformademocratica.org/archivos/la%20politica%20exterior%20de%20la%20venezuela%20bolivariana.pdf>
- ROMERO, M. T.; CARDOZO, E. (2002). “Aproximación a la propuesta internacional de Hugo Chávez: las concepciones de democracia e integración”. *Revista venezolana de análisis de coyuntura*, V. 8, n. 1 (enero-junio), Caracas, Universidad Central de Venezuela, pp. 153-173. Disponível em http://www.flacoandes.org/internacional/publi_acade/venezuela/07romero_y_cardozo.pdf.